



ATIVIDADES DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A TEMÁTICA DO AUTISMO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO 2º ANO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DA REDE DE RECIFE

Maria de Souza Cavalcante ¹
Thalita Desirreé Lemos ²

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo refletir sobre processos de sensibilização acerca das características e individualidades das pessoas dentro do espectro autista a partir do relato de momentos planejados e aplicados em uma turma de 2º ano do fundamental onde uma das estudantes é autista. Para tal, optou-se pela escolha metodológica de pesquisa do tipo qualitativa, prevalecendo à característica descritiva e interpretativa, englobando fases de observação, e construção dos momentos sensibilizadores. Os resultados apontaram um impacto positivo na turma e incentivo para que o docente e acompanhante da aluna continuassem de maneira independente com a realização de trabalhos voltados a inclusão, para que desta maneira a barreira atitudinal para com a aluna com TEA se enfraquecesse cada vez mais.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Sensibilização, Alunos com deficiência.

INTRODUÇÃO

A inclusão de pessoas com deficiência na sociedade de forma geral ainda é um grande desafio, igualmente difícil é a inclusão de pessoas no transtorno do espectro do autismo – TEA tanto na nossa coletividade, quanto na educação.

A escola, sob um estigma de “educação especial” passou por várias mudanças em relação à integração de pessoas com deficiência ao ambiente escolar, graças a muitas lutas traçadas por essas pessoas e suas famílias, que conquistaram direitos assegurados pela lei, superou-se desde as escolas, classes e professores especiais, até chegarmos hoje ao paradigma da Educação Inclusiva. No que diz respeito à inclusão educacional de pessoas com TEA, no Brasil, esse direito passa a ser garantido a partir de 2012, com a Lei nº 12.764, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas

¹ Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, mari13_cavalcante@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, thalitapedagoga13@gmail.com;



com Transtorno do Espectro do Autismo, na qual passam ser consideradas pessoas com deficiência, tendo assim os mesmos direitos assegurados que elas.

A educação inclusiva defende o direito da pessoa com deficiência ao acesso e permanência ao ensino regular, de forma a garantir sua aprendizagem de forma plena, mediante aos recursos necessários, respeitando suas limitações, assim como, deve desta mesma forma, garantir sua avaliação, além de assegurar-lhe tratamento igual aos demais, livre de todo e qualquer tipo de preconceitos ou barreiras. Segundo Glat, Pletsch e Fontes (2007, p.344):

Educação Inclusiva significa pensar uma escola em que é possível acesso e permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção de barreiras para a aprendizagem.

Com base nisso, e na nossa Constituição que em seu art. 205 prevê a educação como "direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho", como participantes do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) do curso de Pedagogia com foco em Inclusão de estudantes autistas, vendo que apesar de materiais o que mais faltava era a quebra da barreira atitudinal para com as individualidades da estudante que acompanhamos decidimos projetar momentos para normalizar as diferenças.

O presente trabalho visa apresentar a experiência obtida no PIBID, que através da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) proporciona aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. Neste caso, a escola onde foi realizada a prática está localizada na Rede Municipal de Recife/PE.

Sendo assim, descrevemos a atividade de sensibilização realizada com os alunos do 2º ano do ensino fundamental, perante a mediação de leitura com livro "Tudo bem ser diferente", seguida de uma estruturação das diferenças como um todo e mais adiante das diferenças da aluna com TEA. Fazendo assim com que os alunos compreendam o autismo e se sensibilizem em relação às necessidades específicas da mesma, sabendo



que ela deve ser acolhida, respeitada e que deve participar de todas as atividades propostas, sendo auxiliada em suas especificidades.

O espectro do autismo, diz respeito a um conjunto de diferentes manifestações, condições que envolvem os domínios: sociais, da linguagem e comunicação, do comportamento, considerada uma díade de alterações do desenvolvimento, o que torna cada sujeito com TEA único. (LIMA, CAVALCANTI, SOUZA, 2016). Portanto, cada sujeito no espectro é um ser singular, desta forma, necessita de compreensão e auxílio único, devendo ser respeitado nas suas limitações, mas estimulado a se desenvolver em sua plenitude, para tal é necessário que este sujeito seja acolhido e respeitado por toda comunidade escolar.

A atividade praticada teve como objetivo geral estimular nos alunos da sala de aula em do 2º ano em questão a sensibilização em relação às especificidades de cada pessoa, buscando especificamente a partir do diálogo, compreender o espectro do autismo, identificando maneiras de incluir o aluno com o carinho e respeito às suas particularidades, assim como as demais crianças.

Salienta-se que este trabalho é de extrema relevância não somente para discentes participantes do PIBID, bem como a toda comunidade acadêmica, visto que, aborda uma temática importantíssima, que representa uma luta de familiares e profissionais na inclusão e rompimento de barreiras a respeito das pessoas com deficiência, sobretudo como salientado neste trabalho, a inclusão da criança no espectro do autismo.

METODOLOGIA

Esse texto é fruto do trabalho realizado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco, tendo como foco o processo de inclusão de alunos dentro do espectro autista da rede municipal do Recife.

O estudo tem natureza qualitativa, com predominância descritiva e interpretativa, tendo foco no processo e não apenas nos resultados finais, já que o projeto PIBID continua em andamento. Do ponto de vista procedimental, a pesquisa engloba fases de observações da sala de aula do 2º ano do ensino fundamental em que o supervisor do PIBID leciona e a partir disso, notamos a necessidade de planejar



momentos de sensibilização da turma voltados às características da aluna aqui referida como Cris.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inclusão é um trabalho de todos. Foi com esse pensamento que construímos o PIBID de Inclusão que deu origem a esse trabalho. Após pesquisas e escolha de turma, tivemos um primeiro momento de conhecer a escola, sua gestão e funcionamento, bem como o docente da sala selecionada para o projeto.

A sala em questão tinha uma aluna de 10 anos que não tinha vivência escolar, não oralizava, e tão pouco conseguia permanecer em sala de aula. Como tínhamos um grupo relativamente grande, reunimos nossos esforços em pontos específicos, dividindo os participantes em duplas. Com pontos como: descoberta de tópicos de interesse, socialização, adaptação de material didático, a dupla que vós escreve esse trabalho notou uma demanda por quebrar a barreira atitudinal para com Cris.

Como a aluna estava em período de adaptação a turma não entendia a falta de oralização, a sensibilidade com barulho, o motivo de Cris não sentar na banca, chorar para sair da sala e tantos outros comportamentos que neles não eram típicos.

Para conseguir chegar de maneira tranquila até a turma, procuramos identificar no planejamento e desenvolvimento das aulas pontos que pudessem ser usados como links para o diálogo com a turma sobre o autismo e suas principais características.

O objetivo principal foi para que o 2º ano como um todo se conscientizasse do motivo pelo qual Cris é diferente, do quanto à sala é ruidosa, da forma como Cris se comunica, dentre outras questões. Em duas aulas assistidas o professor Rafael apresentou atividades para a turma sobre identidade, diferenças e respeito. Pensando nisso começamos a pensar em um planejamento de uma aula baseada no livro 'Tudo bem ser diferente' escrito e ilustrado por Todd Parr. A aula foi organizada em três momentos:

- Retomar os conceitos das aulas em que o professor Rafael falou sobre diferença. (Diferentes cores, diferentes identidades);
- Leitura comentada do livro ' Tudo bem ser diferente ' para os alunos refletirem que são todos diferentes, e tudo bem!



- A partir do conceito de diferença comentar com os alunos o que é o autismo. Que Cris é sensível ao toque, ao barulho, sendo necessário acolher ela em sala. Que, como o professor Rafael sempre comenta, é preciso saber respeitar, e conviver.



Figura 1 - Trechos do livro "tudo bem ser diferente" de Todd Parr (2001)

Os alunos se mostraram bastante interessados, e tentavam achar exemplos do que era lido no texto. Sempre diziam conhecer alguém grande, pequeno, careca, cacheado, magro, gordo, que já se sentiram tristes, que já precisaram de ajuda. Fomos dialogando com os exemplos à medida que os alunos comentavam o texto. No fim da leitura e de constatado que todos ali tinham diferenças uns com os outros, todos eram alunos do 2º ano, estudavam na mesma escola, e por isso precisavam se respeitar.

O professor também participou do momento, assim como supervisionou o planejamento e se mostrou aberto a novos momentos. A acompanhante da aluna segue pelo mesmo caminho, as diferenças e o autismo viraram um assunto na sala de aula. A principal ferramenta para diálogo com a turma é André, personagem da turma da Mônica que está dentro do espectro. Além de ser uma linguagem infantil e acessível à aluna Cris tem como área de interesse gibis, principalmente Mônica.



Figura 2 – Desenvolvimento da aula (2019)

Acreditamos que com a sensibilização a barreira atitudinal é quebrada, e sem ela todas as outras vão sendo vencidas para que haja efetivamente um movimento de informação e trabalho para incluir os alunos que tem sua matrícula obrigatória já assegurada. Muito mais do que materiais, métodos, tecnologias, o que é necessário para a continuidade e desenvolvimento dos alunos com deficiência em qualquer nível e modalidade de ensino é a disponibilidade para aprender e trabalhar para a inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a atividade realizada teve um impacto importante para os alunos do 2º ano do fundamental, assim como para o professor regente e a acompanhante pedagógica da aluna. O aprendizado obtido é relevante não somente para sala de aula, bem como para sua formação humana, principalmente para aluna Cris, que a partir daquela atividade teve suas especificidades compreendidas e respeitadas naquele espaço escolar.

No que tange a nós, graduandas do curso de pedagogia de Universidade Pública e participantes do PIBID, consideramos que a atividade auxilia ricamente em nossa formação quanto futuras profissionais da educação, nos permitindo a partir da aprendizagem tecer um leque de possibilidades a partir das trocas entre nós e as famílias, professores e alunos que conhecemos no decorrer desse processo.

Para além disso, apontamos a necessidade de que haja cada vez mais projetos e pesquisas ligados a educação inclusiva. É nosso dever enquanto acadêmicos e membros da sociedade fazer o que está ao nosso alcance para assegurar sempre a melhora da



oferta educacional para todos que buscam nossa escola pública, ajudando a mudar destinos e abrindo novas possibilidades de vida a população mais carente, que é em maioria a que compõe as matrículas da rede.

São projetos como esse e muitos outros que, aos poucos modifica a realidade de pessoas com deficiência e suas famílias, fazendo com que esses indivíduos sejam enxergados como pessoas capazes de aprender e se desenvolver.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem a colaboração da nossa coordenadora Rafaella Asfora que se fez presente tanto em nossa disciplina de Educação Inclusiva, quanto nos 18 meses em que trabalhamos arduamente em diversas salas e escolas da Rede Municipal de Recife sempre nos orientando e mostrando caminhos para que pudessemos fazer a diferença na vida dos estudantes.

A Capes por aprovar nosso projeto. A UFPE por propiciar uma formação completa em ensino, pesquisa e extensão. A todos os colegas de projeto, que assim como nós buscaram trabalhar para mudar a realidade dos estudantes da rede pública de ensino, devolvendo desta maneira a formação em universidade pública que nos é propiciada.

Aos professores da educação básica, principalmente ao Professor Rafael que abriu as portas da sua sala e se mostrou receptivo não só a aceitar nossas ideias, mas de se apropriar delas fazendo com que houvesse uma continuação na propagação da sensibilização exposta nesse trabalho.

Agradecemos a todos e todas que lutam por uma educação digna, que respeite a todos sem excessão. Que apesar dos desafios continuam buscando melhorar e transformar a realidade desse país através de uma educação básica de qualidade.

REFERÊNCIAS

_____, Lei nº12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, 27 de dezembro de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

BRASIL, Constituição. Brasília: Senado Federal, 1988.



GLANT, R.; PLETSCH, M. D.; FONTES, R. S. Educação inclusiva & educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade. Revista do Centro de Educação, v. 32, núm. 2, 2007, p. 343-355.

LIMA, A. R.; CAVALCANTE, T. C. F.; SOUSA, V. P. A. 2016. Práticas pedagógicas em educação inclusiva: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2016. 120 p.: il.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.